

O Debate acerca da Identidade Surda: contribuições dos artigos científicos publicados entre 2001 e 2018

Adriane Letícia Barbosa SILVA¹

Profa. Esp. Rosângela Aparecida Araujo FERREIRA²

RESUMO

No presente artigo, apresentamos o resultado de coleta de dados bibliográficos acerca do tema "identidade surda", publicados em artigos científicos disponíveis na plataforma Scielo, entre 2001, ano de publicação da Resolução n. 02 do CNE/CEB, e 2018. Utilizando três distintas porém, interligadas "palavras-chave" para a busca, identificamos 807 incidências, cuja análise do resumo nos indicaram tratar-se em sua grande maioria, apenas de temas "anexos" ao foco pretendido, permeando campos como Medicina, Psiquiatria, História, Psicologia e Educação. Sem desconsiderar a importância e o impacto de tais contribuições, chegamos finalmente a apenas duas, cuja temática é abordada frontalmente e cujas contribuições, seguem para análise. O resultado nos indica a necessidade de ampliação do debate acerca da constituição desta identidade que, sob o aspecto da integração e do pleno exercício da cidadania, demonstram-se não somente latentes, mas abertos à constituição de uma nova perspectiva na qualidade de vida desta população.

PALAVRAS-CHAVE

Identidade Surda; Contexto social; Cultura

01. Introdução

Por identidade, de acordo com o dicionário Houaiss (2001, p.396) devemos compreender um "conjunto de características próprias e exclusivas de um indivíduo; consciência da própria personalidade; reconhecimento de quem o indivíduo é e como se individualiza", ou seja, são características determinantes para reconhecimento de quem realmente este é dentro de dado contexto.

Considerando, no entanto, a transposição de seu sentido literário, podemos afirmar certamente que o conceito é ainda muito amplo, principalmente o associá-lo a uma população

¹ Pós-graduando em Libras - Departamento de Pós-Graduação – FIRA- Faculdades Integradas Regionais de Avaré – 18700-902 – Avaré-SP – Brasil – drika_barbosa1@yahoo.com.br

² Professora Especialista em Língua Brasileira de Sinais – Docente – FIRA- Faculdades Integradas Regionais de Avaré – 18700-902 – Avaré-SP – Brasil – roaferreira@hotmail.com

específica, bastando para tanto, considerarmos elementos como a identidade cultural, a identidade visual, social e suas respectivas definições.

É neste contexto que emerge, o que trabalharemos neste artigo enquanto "identidade surda" reconhecida segundo Perlin (1998, p.284), sob três perspectivas:

Identidade Flutuante: aquela na qual o surdo se espelha na representação hegemonia do ouvinte, vivendo e se manifestando de acordo com o mundo ouvinte; *Identidade Inconformada:* na qual o surdo não consegue captar a representação da identidade ouvinte, hegemônica e se sente numa identidade subalterna;

Identidade de transição: na qual o contato dos surdos com a comunidade surda é tardio, o que faz passar da comunicação visual-oral para a comunicação visual sinalizada - o surdo passa por um conflito cultural;

Identidade híbrida: reconhecida nos surdos que nasceram ouvintes e se ensurdecaram e terão presentes as duas línguas numa dependência dos sinais e do pensamento na língua oral; *Identidade surda:* na qual ser surdo é estar no mundo visual e desenvolver sua experiência na Língua de Sinais.

Sob esta perspectiva, Perlin (1998, p.284) nos lembra ainda que, "Os surdos que assumem a identidade surda são representados por discursos que os vêem capazes como sujeitos culturais, uma formação de identidade que só ocorre entre espaços culturais surdos".

Entendendo então, que o fortalecimento de cada identidade é possível quando há o relacionamento entre seus pares, o que em tese poderia ser considerado como espécie de "multiculturalismo"¹, e que, para compreendermos essa diversidade de formas de percepção da identidade, é preciso observar os tipos de comunicação que esses indivíduos utilizam, estabelecendo assim uma comunicação mais adequada com o outro, justifica-se a presente proposta, já que ela está diretamente relacionada à discussão científica do processo.

Considerando ser este, um meio que aborda frontalmente a questão da comunicação e seus diferentes meios, por meio dos quais o indivíduo se integra, participa, convive e socializa, esperamos abordar de forma paralela, a participação da família nesta construção, já que entendemos ter ela, enquanto primeiro ciclo social do indivíduo, verdadeira primazia no contexto da construção dessa identidade.

02. Análise

¹ Segundo Moreiea e Candau (2008) trata-se de perspectiva que implica a aceitação da interrelação entre diferentes grupos culturais; da permanente renovação das culturas; do processo de hibridização das culturas; e da vinculação entre questões de diferença e desigualdade. Partindo do pressuposto que a diferença se encontra na base dos processos educativos, a autora sugere possibilidades pedagógicas para o desenvolvimento de uma educação intercultural na escola.

O primeiro artigo *Cultura e Identidade Surdas: Encruzilhada de lutas sociais e teóricas* traz a discussão entre autores que defendem o conceito identidade surda e os que vêem nela uma forma de divisão. São abordados também temas como a cultura surda e língua de sinais.

Segundo Bueno (1998) conferir à língua de sinais o estatuto de língua não tem apenas repercussões lingüísticas e cognitivas, tem repercussões sociais. Ser normal implica ter língua.

De acordo com os autores, que defendem a língua de sinais, é só de posse desta considerada "natural", adquirida em qualquer idade, que o surdo constituirá uma identidade surda, já que ele não é ouvinte (Perlin, 1998, p.284).

É no contato com o outro que usa a língua de sinais que ocorre a interação, possibilidades de crescimento e desenvolvimento, compreensão de diálogo que não são possíveis na linguagem oral.

A constituição da identidade pelo surdo não está necessariamente relacionada à língua de sinais, mas sim a presença de uma língua que lhes dê a possibilidade de constituir-se no mundo como "falante", ou seja, à constituição de sua própria subjetividade pela linguagem e às implicações dessa constituição nas suas relações sociais. (...) o modo como a surdez é concebida socialmente também influencia a construção da identidade (SANTANA & BERGAMO, 2005, p.05).

Uma outra vertente tem estudado esse tema como se a identidade fosse constituída apenas a partir de dois pólos: ouvintes e surdos. A identidade é constituída em relação a um determinado grupo ao qual se pertence, diferenciando-se de um outro. É baseado num processo de associação em relação a um grupo e de dissociação em relação ao outro grupo.

Sendo assim, a constituição da identidade está relacionada às práticas sociais e "não a uma língua determinada e interações discursivas diferenciadas no decorrer de sua vida: na família, na escola, no trabalho, nos cursos que faz, com os amigos". (Santana e Bergamo, 2005).

No que diz à cultura surda, o termo refere-se à língua de sinais, à estratégias sociais e aos mecanismos compensatórios que os surdos realizam para agir no mundo. Os autores citam Kozlowski (2000) que afirma que "a existência de uma cultura surda faz parte da educação bilíngüe. O surdo seria bilíngüe e bicultural. O biculturalismo designa o conjunto de referências à história dos surdos, o conjunto de significações simbólicas veiculadas pelo uso de uma língua comum para viverem numa sociedade feita por e para o ouvintes".

Já para Geertz (1989) "o conceito de cultura é essencialmente semiótico, o homem seria um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo tece. A cultura seria o conjunto dessas teias". Segundo ele a cultura é um complexo de padrões concretos de comportamentos,

costumes, tradições, mas é também um conjunto de mecanismos de controle e o homem é dependente desse mecanismo.

De acordo com Santana e Bergamo, há dois modos de discutir essa questão. Uma forma mais simples é a de que o surdo por pertencer a um grupo cuja língua é a de sinais, não pode pertencer a uma outra cultura. "Os surdos crescem segundo os valores, as crenças, os símbolos, os modos de agir e de pensar de um sistema socialmente instituído e em transformação. Surdos e ouvintes crescem numa mesma cultura a partir do momento que participam de um mesmo universo social". (SANTANA & BERGAMO, 2005, p. 573)

Um outro modo de discussão e esse mais complexo é entender por que persistem as opiniões em favor da cultura surda e quais as vantagens em adotar essa ideia.

"Implica assumir uma separação entre surdos e ouvintes. Implica referendar uma di-
visão social específica. (...) Assim, toda idéia de cultura surda fica ligada
exclusivamente ao surdo e aos profissionais da área, como se, inclusive, a criação do
termo "cultura" fosse associada apenas a um grupo específico". (SANTANA &
BERGAMO, 2005, p. 574).

Percebe-se um distanciamento entre surdos e ouvintes, pois o próprio discurso de desigualdades aponta o que eles têm de diferente e não o que têm em comum.

Os autores discorrem sobre duas importantes instâncias de legitimação "um saber leigo que reproduz uma cisão social entre a comunidade de surdos e a comunidade de ouvintes, e um saber acadêmico que oficializa essa reprodução a partir de uma chave específica, o uso da língua". Embora identidade e cultura estejam relacionadas a práticas sociais, a língua "é o instrumento por excelência de sua constituição e definição".

Concluem que o fato dessa di-
visão social se dá a partir da questão linguística, demonstra não apenas a cisão entre surdos e ouvintes, mas uma outra cisão, esta interna à academia:

O que está por trás é a pretensão político-científica de tornar a língua, seja qual for, o instrumento por excelência de constituição e análise de todas as formas de comportamento, de pensamento e de relações sociais. Por isso os conceitos passaram a legitimar uma di-
visão entre identidades lingüísticas, e não outra qualquer, embora todas as evidências apontem para o fato de que a identidade social esteja ligada a um entrelaçamento de significados e disposições sociais muito mais complexo. (...) Essa não é uma pretensão político-científica recente, ela remonta ao surgimento e à consolidação da lingüística perante as demais disciplinas científicas. Nesse sentido, os surdos tornam-se aliados de uma luta da qual eles estão excluídos: de legitimidade entre disciplinas científicas, entre formas autorizadas de fazer crer e fazer ver as divisões do mundo social. (BERGAMO & SANTANA, 2005, p.14)

O segundo artigo Conceitos de Identidade Surda no discurso midiático sobre a inclusão educativa na Alemanha propõe uma análise da conceitualização da identidade coletiva de surdos no discurso midiático sobre a educação inclusiva entre 2011 e 2015 na Alemanha.

Em sua história, a identidade linguística dos surdos tem sido ignorada, pois são considerados como pessoas com deficiência e geralmente frequentaram escolas especiais. A Alemanha se comprometeu a mudar na Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência das Nações Unidas em 2008. Essa pesquisa baseia-se na análise crítica do discurso, supondo uma discussão entre o discurso e a sociedade, na qual cognição social serve de interface.

No discurso midiático há argumentações contra e a favor da educação inclusiva e esse debate constrói uma imagem desses grupos sociais, influenciando em sua identidade coletiva. As autoras Zambrano e Pedrosa destacam que segundo Fairclough e Wodak (1997) o discurso molda a identidade social e nesse contexto identidade social apresenta conceitos diferentes. O primeiro parte da identidade individual relacionado com a pertença de um grupo e o segundo refere-se à identidade desse grupo mesmo ou inclui os dois conceitos acima mencionados sem fazer diferença entre os níveis individual e coletivo.

De acordo com Tajfel (1981) "a identidade social está portanto, vinculada à identidade coletiva no sentido de que ela constitui pela identificação com essa identidade coletiva. O indivíduo assume características do grupo para si".

A educação estruturada para os surdos começou na Alemanha em 1778, com o instituto para surdos em Leipzig cujo objetivo era que os surdos aprendessem a língua alemã e a língua de sinais apenas quando era inevitável.

No Congresso de Milão a língua de sinais foi excluída permanecendo assim até século XX, apoiada pelas novas tecnologias auditiva. Apenas em 2002 a Alemanha reconheceu a língua de sinais alemã DGS - Deutsche Gebärdensprache, como uma língua distinta e com a ratificação da Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência das Nações Unidas em 2008, foi assegurado um "sistema educacional inclusivo em todos os níveis" (ONU, 2012, artigo 24,1).

A segregação presente no sistema educacional alemão foi um dos obstáculos encontrados para a facilitação do aprendizado da língua de sinais e a promoção da identidade linguística da comunidade surda.

As autoras concluem que não se pode falar da construção de uma identidade coletiva surda na mídia, mas de várias identidades coletivas surdas com aspectos contraditórios. Pode-se perceber por um lado, o surdo na mídia, como sendo uma subcategoria de pessoas com deficiência e dentro dessa subcategoria pode ser ora incluído por meio da tecnologia auditiva ou com auxílio de intérprete, ora excluído por utilizar uma outra língua. "Ora são menos capazes que os outros alunos, ora mostram um desempenho acima da média. Ora se reconhece uma identidade linguística, ora não. Em outro caso são categorizados como surdos-mudos, questionando simultaneamente a categorização dessa população como deficiente". (ZAMBRANO & PEDROSA, 2016,s/p)

O resultado encontrado em sua pesquisa é a de "os surdos são quase excluídos do discurso midiático de importância nacional". As diferentes identidades surdas se manifestam como sendo a identidade da pessoa com deficiência e a identidade focalizada na particularidade linguística.

É possível constatar que a mídia contribui para a construção de dois grupos: as pessoas com e sem deficiência. "A ideia de uma identidade coletiva heterogênea quase não está representada na mídia".

Encontram-se (re)produções do estereótipo negativo de surdos e de pessoas com deficiência relacionado às capacidades escolares. Esses tipos de estereótipos podem ter efeitos negativos no desempenho das pessoas que se identificam com esses grupos, a mídia contribui talvez inadvertidamente para o fracasso escolar desses alunos. (ZAMBRANO & PEDROSA, 2016,s/p.)

03. Considerações Finais

A abordagem da temática "identidade surda", poderemos perceber que perpassa fortemente a questão da família e seus distintos, no entanto, indispensáveis papéis em sua construção.

Segundo o Dicionário "Houaiss" (HOUAISS, 2004 p.332) a palavra família tem origem no substantivo feminino é um grupo de pessoas vivendo sob o mesmo teto; grupo de pessoas ligadas entre si pelo casamento ou qualquer parentesco. De acordo com o artigo 226 da Constituição Federal de 1988, família, base da sociedade, tem especial proteção do Estado.

Ela é a primeira comunidade de um ser humano, primeira instituição, responsável por assegurar à criança e ao adolescente e ao jovem, com absoluta prioridade o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao

respeito, à liberdade e a convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão.

Sendo assim, a família exerce grande influência no desenvolvimento de uma criança.

As primeiras relações de afeto do ser humano acontecem com seus pais ou com seus cuidadores e esse convívio será responsável por futuros comportamentos no meio social. O papel da família contribui para que o filho tenha uma aprendizagem mais humana, participando ativamente na construção de sua personalidade. Comportamentos e atitudes dos pais e outros membros da família têm impacto decisivo no desenvolvimento psicossocial de um filho (Filho e Oliveira, 2010).

No processo de relação familiar, a comunicação favorece a compreensão das dúvidas, a demonstração de carinho e amor, entre outras coisas, uma vez que para adquirir essas informações é necessário estabelecer-se uma mesma linguagem (Filho e Oliveira, 2010, apud Quadros, 2002).

Na família ouvinte em que há integrante surdo é necessário a aquisição de uma segunda língua, a língua de sinais, no caso do Brasil é a Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS, para que estes possam se comunicar entre si e entre seus pares, a fim de sentir-se pertencente a uma comunidade que se identifique, desenvolvendo assim sua identidade e nesse aspecto o apoio da família é fundamental.

O primeiro artigo aborda a discussão entre vários autores a respeito da identidade surda, seja defendendo-a seja afirmando que esse conceito divide surdos e ouvintes.

É no contato com o outro que também utiliza a mesma língua é que surgem novas possibilidades interativas, de compreensão de diálogo, de desenvolvimento. Sendo assim, a língua de sinais oferece uma identidade ao surdo. Mas ela não está baseada apenas na língua e sim no resultado que essa comunicação proporciona ao surdo, dando-lhe possibilidade de constituir sua subjetividade pela linguagem e o que implica em suas relações sociais.

Em contrapartida há os autores que defendem a idéia de que a identidade é constituída por dois pólos de ouvintes e de surdos. Ela é construída em relação ao grupo que pertence, ou seja, baseia-se num processo de associação a um grupo e de dissociação a outros grupos. Mais uma vez a constituição da identidade do sujeito está relacionada à práticas sociais e às interações do discurso durante sua vida, seja na família, na escola, no trabalho, enfim, nas interações com o outro.

Referências

- BRASIL, 1988. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.
- BUENO, J.G.S. **Surdez, linguagem e cultura**. *Cadernos Cedes*, Campinas, v. 19, n. 46, p. 41-56, set. 1998.
- GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro (RJ): Livros Técnicos e Científicos; 1989.
- MOREIRA, A. F. B.; CANDAU, V. M. **Multiculturalismo: diferenças culturais e práticas pedagógicas**. Petrópolis: Vozes, 2008.
- PERLIN, G. Identidades surdas. In: SKLIAR, C. (Org.). **A surdez: um olhar sobre as diferenças**. Porto Alegre: Mediação, 1998.
- FILHO, G.O.S, OLIVEIRA, R.R.S. **Os desafios na comunicação entre os surdos e a família**. 2010. Disponível em <https://www.webartigos.com/artigos/os-desafios-na-comunicacao-entre-os-surdos-e-a-familia/31113/>. Acesso em: 12 julho 2018.
- HOUAISS. **Dicionário da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro Instituto Antônio Houaiss. Ed. Objetiva, 2001.
- ONU. United Nations Organization. E future we want: resolution adopted by the General Assembly. Rio de Janeiro: ONU, 2012. Disponível em <<https://nacoesunidas.org/direitoshumanos/documentos/>>. Acesso em 05 nov. 2018
- SANTANA, A. P; BERGAMO, A. **Cultura e Identidade Surda: encruzilhada de lutas sociais e teóricas**. *Educ. Soc.*, Campinas, vol. 26, n. 91, p. 565-582, Maio/Ago. 2005.
- TAJFEL, H. (1981-83). **Grupos Humanos e Categorias Sociais**, Vol. I e II, Lisboa, Livros Horizonte (tradução portuguesa de: *Human Groups and Social Categories: Studies in Social Psychology*, Cambridge University Press). **Identidade Social e Estereótipos Sociais de Grupos em Conflito: Um Estudo numa Organização Universitária**. Available from: <https://www.researchgate.net/publication/238680104_Identidade_Social_e_Estereotipos_Sociais_de_Grupos_em_Conflito_Um_Estudo_numa_Organizacao_Universitaria> Acesso em 05 nov. 2018.
- ZAMBRANO, R. C; PEDROSA, C. E. F. **Conceitos de Identidade Surda no Discurso Midiático sobre a Inclusão Educativa na Alemanha**. *Trab. Ling. Aplica*. Campinas, n(55.3): 565-590, set./dez. 2016.